

Eduarda Santos

Entrevistada por Maria Augusta Silva

ABRIL 2004

Nasceu em Lisboa. Aos 15 anos escreveu o primeiro livro, *Luz e Sombra*. Aos 16 venceu o Prémio de Revelação da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Foi também galardoada, entre outros, com o Prémio Nacional de Contos Eça de Queiroz. No conto, outra obra sua: *Os Dias Diferentes*. E teatro com *O Resto do Mundo* e *Callunia Vulgaris*. Surgiu depois o primeiro romance, *O Homem do Tempo*. Filha de pais médicos, Ana Eduarda Santos talvez siga a área jurídica, todavia não perde a esperança de um dia ser escritora a tempo inteiro. A literatura já a levou ao Uruguai e ao Brasil. Conhece outros países, sobretudo do Sul da Europa. Adora história, tanto como o português. Aprendeu a tocar piano, mas trocou-o pela escrita.

A cidade pertence ao corpo estético e semântico da ficção mas entrega-se-lhe sem esperar nada. Está e sabe-se implicada enquanto eixo estruturante, detalhe e elo da narrativa, porém, nunca se torna insuportável. É Lisboa, porventura a personagem maior do romance *O Homem do Tempo*, de Ana Eduarda Santos. «Cresci nestes passeios. Em pequena passeava com os meus pais por estas ruas, pela Baixa, tive pesadelos quando se deu o incêndio do Chiado». A calçada portuguesa, essa arte de pedra a pedra, Ana Eduarda revivifica-a na escrita sem lhe dar uma moldura de retórica. É um símbolo, linguagem silenciosa, «com as assimetrias das próprias mãos», autoras anónimas que os nossos passos, de quotidianos lentos ou corridos, raramente sentem. A cidade em página aparece-nos de algum modo só, mais global, esvaziada de rostos em burburinho. Cumpre o objetivo da construtora da obra literária: «Desejei um romance de personagem. Quis isolar a personagem, física e psicologicamente, para lhe agudizar as tensões e emoções, a própria relação temporal». Cláudio, escritor, é essa personagem. Ansioso pelo regresso de Laura, ida para Nova Zelândia, a grande distância, a distância contrária, de rutura, talvez a da impossibilidade.

PERCURSOS. Pode dizer-se que Lisboa, lés a lés, cidade de culturas e tempos cruzados, infunde-se na criatividade, no engenho, da autora d'*O Homem do Tempo*. Uma razão bastante para lugares eleitos como, por exemplo, o Miradouro de São Pedro de Alcântara? «Zona emblemática. Gosto muito do percurso queirosiano, da história dos teatros em redor, da estátua de Eça, o meu escritor português preferido.» Um livro de Eça? «*Os Maias*, e toda a luminosidade da sua escrita, a técnica no uso de adjetivos e advérbios, a ironia corrosiva.» No jardim do miradouro fica, ainda, o monumento ao fundador do *Diário de Notícias*, Eduardo Coelho; celebra igualmente o ardina, andarilho de voz castiça apregoando notícias frescas.

Pelos lados da Misericórdia, que mais interessa à escritora de vinte anos? «Os alfarrabistas, ando sempre à procura da novidade nunca velha. A melhor compra que fiz até hoje foi a primeira edição de *Delfim*, de José Cardoso Pires. E gosto do livro também como objeto.»

Falta dizer aqui uma coisa: Ana Eduarda, que não tem boa memória visual, fotografou, no Verão e Inverno, os sítios, os pormenores da cidade levada para o

seu novo livro. «Tenho um álbum cheio, as fotografias ajudaram-me a ver tudo melhor, a não perder-me.»

Por volta dos doze anos começou a ler Shakespeare, e continua numa leitura mais cuidada, mais funda. Por Almeida Garrett é que não morre de amores. «Talvez mais tarde volte a ele e possa senti-lo de outro modo.» Hemingway, sim, «é dos autores estrangeiros a que estou muito ligada, aquele *Paris É Uma Festa...* Descobri grandes escritores pelos títulos das obras».

ESCRITAS. Do panorama literário português atual, Eduarda Santos acha isto: «Parece-me haver uma maior abertura das editoras, inclusive aos novos autores. Em Portugal, como noutros países europeus, está a baixar a idade literária.» E o grau qualitativo? «Temos um Prémio Nobel, e mais três ou quatro nomes contemporâneos vão entrar, seguramente, na história da nossa literatura.» Em termos gerais, porém, «gostava de ver outra dinâmica. É escassa a oferta cultural de grande qualidade».

De si mesma, eis a seriedade que o êxito não perturba: «Comecei apenas há cinco anos, manifestamente pouco. A maturidade literária é sempre uma meta volante, tenho muito para andar. De momento, interessa-me a literatura como alteridade, um desafio que me fascina, essa ideia de procurar o Outro, a desmultiplicação de nós próprios, daí o gostar particularmente de Pessoa.» E, atenção, Camões, «o épico», também lhe mora na admiração. A primeira sedução deu-se, todavia, com *Os Três Mosqueteiros*. Quanto a novas letras, o próximo romance está na fase de pesquisa, já tem personagens esboçadas. Lisboa outra vez em cena? «Não, vai mudar de sítio», e mais não fala sobre esta gestação serena. O silêncio, aliás, é-lhe indispensável para escrever obra de fôlego, contudo, nada tem de ensimesmada.

Palavras como as cerejas, primavera de vento morno a despentear-nos, reportagem por aí fora, um pombo a fazer das suas na minha cabeça lavada de manhã, Ana Eduarda a apaziguar-me a arrelia, «não, não é nada, foi um pauzinho de uma árvore que se atirou ao chão e raspou». Pois. Mas no longe da tarde viu-se, afinal «sempre era do pombo», reconhece e ajudou a limpar-me a matreirice da ave com papo de milho, etc.

ESPECTÁCULOS. Descemos até ao Coliseu, sala do romance *O Homem do Tempo* que recebe Cláudio e sua irmã Lúcia, cega. *Giselle*, o bailado, a música, envolve-os, a mão de Lúcia na mão de Cláudio, diálogo de comunhão, de luz. O espectáculo que arrebatou Ana Eduarda é a ópera, desde sempre *La Traviata*, de Verdi. A memória, no entanto, não perdeu *O Lago dos Cisnes*, no Coliseu, «tinha os meus 15 anos»; no ano passado foi *A Bela Adormecida* (Tchaikovsky). O Coliseu é, porventura, a casa onde tem assistido a mais espectáculos mas procura acompanhar a programação da Gulbenkian. Gostaria de ver o Teatro São Carlos e o D. Maria «com mais vida na cidade, como o Scala». Gostaria de cenários culturais de alto nível. «Contam-se pelos dedos das mãos as boas realizações do género.» Tem bom gosto a Ana Eduarda e não se julgue que vive num casulo clássico, até porque «não podemos ter uma perspectiva estritamente clássica da cultura».

Quando ia ao circo, a menina hoje escritora e estudante de Direito não se regalava com os palhaços, «eram mais os trapezistas». O mar, as terras irregulares são as suas paisagens, «nada de planícies». Em tempo de férias, Alvor à vista!, que já são poucas as raízes no Minho e Trás-os-Montes.

DESPORTO. No romance *O Homem do Tempo*, uma outra personagem, Massimo, italiano, pintor de cidades, mostra-nos que não vivemos em sistemas fechados. O futebol, o *calcio*, pontapé na bola, é uma outra maneira de se completar a respiração. Ana Eduarda aplaude o desporto, apesar de «um destaque excessivo ao futebol». Foi maria-rapaz, jogava à bola. Agora, ténis todas as semanas. No ténis deu-lhe uma vez um lumbago danado, único dado (e dor) real que de um outro jeito transpôs para o seu romance.

Precoce, esta jovem escritora? «A prova de que não sou é a de que se eu fosse Rimbaud já me tinha reformado. Aos dezanove anos, considerou que a sua obra estava concluída. Tenho vinte e estou no princípio».